

O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO DOS DICIONÁRIOS E A RUPTURA DOS PADRÕES ORTOGRÁFICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA*

Resumé

Ce travail montre une tendance à la rupture de patrons orthographiques de la langue portugaise, vérifié sur les dictionnaires et sur le plus novel Vocabulaire Orthographique de la Langue Portugaise, publié par l'Académie Brésilienne de Lettres, 1998.

Palavras-chave: *variação ortográfica; padrões silábicos; sistema ortográfico; estrangeirismos.*

Introdução

Este trabalho assume alguns pressupostos teóricos da Lingüística, entre os quais, tem-se assente que a variação é um fenômeno constatado, facilmente, em toda e qualquer língua e é responsável pelas forças que determinam as mudanças lingüísticas. Aliás, não é demais recordar aqui os ensinamentos saussurianos, em torno dessa questão, em que as realizações concretas, no âmbito discursivo (parole), exercem uma pressão no sentido das mudanças, enquanto que o sistema (langue) apresenta resistência a tais mudanças, estabelecendo-se, assim, um jogo de forças antagônicas, entre si, na tensão dialética da mutabilidade e da imutabilidade do signo (Saussure, 1977, 85-98). Some-se a isso o fato de que a língua oral está, constantemente, submetida às variações da fala, enquanto a língua escrita, dada sua natureza e em decorrência de suas finalidades, está mais resguardada de freqüentes mudanças.

Não obstante essas tendências contrárias e contraditórias, no interior do sistema lingüístico, o fato é que a língua permanece, conservando-se em suas estruturas e permitindo, ao mesmo tempo, uma constante atualização, tal que serve à comunicação, em qualquer tempo e sob quaisquer circunstâncias, o que se garante pelo fenômeno natural da variação. Esta alcança todos os seus níveis de formulação, tanto no plano do con-

teúdo, quanto no plano da expressão, quer se leve em conta o registro oral quer se leve em conta o registro escrito, como destaca Honvault (1995, 10-17).

O estatuto da variação lingüística, em sua face ortográfica, atinge em especial o léxico dicionarizado, confrontando-se, não raro, o sistema de escrita com o sistema da língua, principalmente, em tempos, mais recentes, de "globalização". Como se sabe, esse processo que parte da dominação político-econômica, em especial das culturas anglo-saxônicas, de acordo com Bidermann-Pasques & Humbley (1995, 57-65), estende-se, é óbvio, a todos os setores da vida, com claros reflexos nas culturas, em geral, e nas línguas, em particular.

No caso da língua portuguesa, é inequívoco que o "processo de globalização", pacífica e até festivamente assimilado, manifesta-se, de forma contundente, na prática, em todos os setores da vida e da sociedade. Desse modo, esse fenômeno é facilmente detectável em qualquer meio de comunicação, com reflexos evidentes nas mais recentes edições dos dicionários de língua portuguesa, destacando-se, neste caso, a variante brasileira que, para tanto, conta com a entusiasmada adesão da Academia Brasileira de Letras, conforme se pode verificar em sua mais recente edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1998.

Discussão Teórica

Todo e qualquer sistema de escrita repousa, fundamentalmente, em princípios que orientam a seleção e o uso dos sinais gráficos adotados. Honvault (idem) destaca o fato de que quase todos os sistemas de representação escrita são mistos, ou seja, são engendrados tanto no sentido de sua estabilização, pela codificação de suas formas, como no sentido de garantir sua atualização, pela variação, do que decorrem conseqüências determinantes da necessidade de

*Este trabalho é subproduto do Projeto VARIANTES ORTOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA, financiado pelo Convênio FAPEMAT/CNPq/UFMT, cujo desenvolvimento faz-se, atualmente, com os seguintes bolsistas do PIBIC/CNPq/UFMT, junto ao Departamento de Letras do ICHS/R: Alessandra de F. PASSOS, Iara Aparecida O. da SILVA, Kênia A. AQUINO, Klênia Pereira SILVA, Marilza Celestina CAMPOS, Núbia Patrícia R. de OLIVEIRA, Rosângela F. CADIDÉ.

gestão da norma e de suas variações ortográficas. Desse modo, os dois grandes princípios fundadores dos sistemas de escrita são o princípio de caracterização plerêmica semiográfica, segundo o qual as unidades gráficas estão em relação com as unidades de conteúdo da língua (morfemas e lexemas) e o princípio da caracterização cenêmica fonográfica, segundo o qual as unidades gráficas estão em relação com as unidades de expressão oral (fonemas, sílabas, etc)

Dentro dessa perspectiva e levando-se em conta que o princípio da caracterização cenêmica fonográfica apresenta maior economia, quer seja do ponto de vista do arranjo de unidades, estas em número limitado, quer pelo custo de decodificação mais baixo que proporciona a seu usuário, essas unidades dependem de sua posição e de sua distribuição, conforme o ambiente gráfico em que ocorrem. A sintaxe gráfica é, pois, determinante na definição da função dos grafemas, conforme apareçam no início, no meio ou no fim da escrita das palavras, ou, ainda, ocorram nas margens crescentes ou decrescentes das sílabas (letras consoantes), ou ainda em seu núcleo (letras vogais), no caso da língua portuguesa.

A descrição dos padrões silábicos da língua portuguesa (norma brasileira) encontra sua versão mais tradicional, em Mattoso Câmara Jr., no seu clássico *Estrutura da Língua Portuguesa*. Lopes (1995, 146-149) também descreve esses padrões. Cabe, no entanto, lembrar que, como não existe uma correspondência adequada entre as representações, oral e escrita, das línguas, essas descrições dizem respeito ao sistema da língua portuguesa, mas não especificamente a seu sistema ortográfico. Desse modo, cumpre distinguir os padrões silábicos da língua oral dos da língua escrita.

O quadro abaixo ilustra bem esta afirmação:

ESCRITA ORTOGRÁFICA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
fixo (quatro letras)	[ˈfikisu] (seis fonemas)
léxico (seis letras)	[ˈlɛkɨsɨku] (oito fonemas)
campo (cinco letras)	[ˈkãpu] (quatro fonemas)
cravo (cinco letras)	[ˈkravu] (cinco fonemas)
guerra (seis letras)	[ˈgɛRa] (quatro fonemas)

De acordo com Mattoso Câmara Jr. (1982; 53-61), todas as consoantes portuguesas podem aparecer no aclave de uma sílaba, ou seja, na sua margem crescente, mas apenas algumas ocorrem no declive, ou margem decrescente e, quando isso se verifica, elas travam a sílaba. Destacou, ainda, este eminente lingüista, o fato de que as sílabas travadas, ou fechadas, são muito menos frequentes (apenas as letras **r**, **s**, **l**, **n**, e **m** podem travar sílaba), do que as não travadas, em português, haja vista que o padrão silábico de mais alta frequência e de distribuição regular é o CV. Por outro lado, nos chamados encontros consonantais, apenas algumas letras consoantes podem ocorrer, compondo os arranjos. Assim, ocupando a segunda posição no grupo, podem ocorrer as letras **r** e **l** constituindo, com as letras **p**, **b**, **t**, **d**, **g**, **c**, **f** e **y**, os grupos consonânticos **pl**, **pr**, **bl**, **br**, **tl**, **tr**, **dl**, **dr**, **gl**, **gr**, **cl**, **cr**, **fl**, **fr**, **vl**, **vr**, destes apenas o grupo **dl** não

integra o padrão CCV. Além desses, há alguns arranjos mais raros que se podem verificar, quais sejam: **gn**, **pn**, **ps**, **pt**, **mn**, **cn**, **ct**, **tm**, **tx**, **tz**., como se pode constatar no quadro abaixo.

PADRÕES ESTRUTURAIS SILÁBICOS E CONTEXTUAIS DO SISTEMA ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

SAÚDE c v v c v	CTENÁRIO c c v c v c v v
ASTRO v c c c v	MNEMÔNICO c c v c v c v c v
CRAVO c c v c v	PNEUMONIA c c v v c v c v v
TRANSGRESSÃO c c v c c c c v c v c	PSICULTURA c c v c v c c v c v
GNOSE c c v c v	GNOMO c c v c v
PNEU c c v c	PTERIGOTOS c c v c v c v c v c
PSICÓLOGO c c v c v c v c v	TMESE c c v c v
CAATINGA c v v c v c v	QUARTÉIS c c v c c v c c
PARAGUAI c v c v c c v c	PARABÉNS c v c v c v c c

O sistema ortográfico da língua portuguesa comporta, ainda, no nível da representação segmental, os chamados dígrafos (qu, gu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, xc e xs), dos quais alguns sofrem restrição de ocorrência. Por exemplo, rr, ss, sc, xc e xs nunca ocorrem em início de palavra, a exemplo da letra ç; os dígrafos lh e nh ocorrem apenas em raríssimos casos, cada qual, e, assim mesmo, em palavras de origem estrangeira, como “nhoque” (italiano) e “lhama”, “lhano”, “lhaneza”, “lhamura”, e o pronome oblíquo “lhe”.

Por outro lado, todas as cinco letras vogais podem ocupar o núcleo, ou ápice, da sílaba e quatro delas podem ocorrer também na representação das semivogais. Desse modo, apenas a letra vogal **a** mantém seu papel exclusivo no centro silábico. Neste trabalho, em face de suas características estruturais, as letras semivogais ocupam posição de consoante, motivo pelo qual integram, aqui, os padrões CCV (ditongos crescentes, VC, CVC (ditongos decrescentes) ou CVCC (forma plural dos ditongos decrescentes). Resumindo, são padrões silábicos da representação escrita da língua portuguesa os seguintes: V, VC, VCC, CV, CVC, CVCC, CCV, CCVC e CCVCC. A seqüência mais longa de consoantes, dentro de uma palavra da língua portuguesa, levando-se em consideração o corpo da representação escrita, é de quatro letras consoantes, no meio de palavra, como, por exemplo, na palavra “transcrição” (CCVCCCCVCVC). Em linhas gerais, esses arran-

jos caracterizam a representação escrita sistemática e ortográfica da língua portuguesa. Jamais, encontram-se, no sistema da escrita ortográfica da língua portuguesa, seqüências do tipo CCCV, ou CCCC, em início de palavra, constituindo-se, pois, essas em formas alienígenas, anômalas, estranhas ao sistema da língua.

Desse modo, a tradição consagrou alguns procedimentos que sempre orientaram a assimilação dos empréstimos pela língua portuguesa, qualquer que seja sua origem. O predomínio do padrão CV e a tendência à inserção de uma vogal epentética, principalmente, na norma brasileira, determinaram que palavras como “snooker” (inglês) e “schola” (latim) passassem à língua portuguesa como “sinuca” e “escola”, respectivamente. Uma outra regra é a de apócope e metafoia de fonemas da forma original, como em “for all” (inglês) que levou a “forró”, processo verificado também na passagem histórica de “episcopum” (latim) para bispo.

Avaliação dos “ACHADOS” da pesquisa

Os “achados” da pesquisa VARIANTES ORTOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA, detectados tanto no famoso “Dicionário Aurélio” (versão eletrônica e versão em códice), como no mais recente *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, apontam uma recente tendência à ruptura desses padrões, pela representação atual de algumas palavras, oriundas das línguas indígenas, com fortes indícios de uma escrita mediada pela representação fonética, ainda que não assumam, claramente esse caráter, em face do Alfabeto Fonético Internacional. Melhor dizendo, trata-se de uma escrita que leva em conta o princípio da representação segmental som-letra, ou seja, lança-se para cada som uma representação gráfica, numa clara ruptura, em face dos padrões ortográficos oficiais. O registro de vocábulos como maradjó, maratchó, aramitchó, tchicaridjana, tutxiunaua, txucarramãe é o melhor testemunho do que aqui se assevera. É de se registrar que o léxico português, desde o início, e ao longo dos quase 500 anos da vinda dos portugueses, sempre incorporou vocábulos indígenas, sem qualquer problema de adaptação ao sistema, haja vista um sem número de designações, em nomes próprios, locativos e personativos, em designações de animais e na própria culinária. Nada justifica, pois, esta tendência atual, pelo menos, do ponto de vista lingüístico e científico. Não é demais lembrar que os registros “maradjó” ou maratchó” representam um retrocesso no processo de assimilação do léxico indígena, em face do registro anterior “marajó”, ignorando-se, pois, o princípio da economia lingüística, presente na escrita ortográfica, neutra, em si mesma, em face das variantes fonético-fonológicas. Caso se contemple o registro das variações lingüísticas da língua oral, no dicionário,

apenas por que são de origem indígena, é legítimo reivindicar o registro de formas como *tchutchu, *matchitche, *tchave, *djipe, *djanta, entre outras, próprias do falar cuiabano, decorrentes da provável influência das línguas indígenas na fala da região, aliás, com as mesmas características fonéticas, acima apontadas.

O mesmo dicionário incorporou mais de mil vocábulos estrangeiros, sem qualquer processo de adaptação à escrita da língua portuguesa, o que se pode atribuir à influência da chamada “globalização da economia” que, inapelavelmente, atinge o léxico da língua. O inesperado, no entanto, é o lançamento desses vocábulos, em sua escrita original, na macroestrutura de uma obra de consulta rotulada de “dicionário da língua portuguesa”. Desse modo, o que anteriormente constituía um apêndice no dicionário, hoje encontra-se incorporado ao conjunto de “vocábulos da língua portuguesa”, ainda que firmem todos os padrões ortográficos dessa língua. Os exemplos seguintes ilustram o que aqui se afirma: agrément [Fr.] – p.65; aide-mémoire [Fr.] – p.70; béguin [Fr.] – p.244; belle époque [Fr.] – p.246; Dasein [Al.] – p.521; datcha [Rus.] – p.521; airglow [Ing.] – p. 71; baby [Ing.] – p. 215; black hole [Ing.] – p. 263; dreadnought [Ing.] – p. 611; follow-up [Ing.] – p. 796, entre outros, no total de 1.149 vocábulos estrangeiros assim registrados.

Mais contundentes ainda são os “achados” do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (1998), da Academia Brasileira de Letras. Os exemplos seguintes bem ilustram o que se afirma: blitzkrieg [Al.] p. 109, afwillita [s/origem] p. 23; callagnita [s/origem] – p. 131; kalkowskita [s/origem] – p. 439; zincoshefferita [s/origem] – p. 781; deadweight [Ing.] – p.220; outrigger [Ing.] – p.549; bar-mitzvá [Hebr.] – p. 96, entre outros, no total de 2.952 vocábulos estrangeiros, ou fora dos padrões ortográficos da língua portuguesa.

DESCRIÇÃO DE PADRÕES ESTRUTURAIS DA ESCRITA DE ALGUNS VOCÁBULOS REGISTRADOS NO VOLP/ ABL*

HAMMERLESS c v c e v c e v c c
PRZHEVALSKITA c c c e v e v c c e v e v
SCRATCHMAN c c c v c c c e v c
XRÂMANA c c v e v e v
CCHEVQUINITA c c c v c c v v c v e v
SCHWARTZENBERGITA c c c c v c c c v c e v c e v c v

* VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, editado pela Academia Brasileira de Letras, em 1998.

É de se registrar, entretanto, que o vocabulário elaborado pela Academia das Ciências de Lisboa (1970) mantém-se fiel à tradição e, em momento algum, incorpora vocábulos ao arrepio das regras de escrita da língua portuguesa, ou ao arrepio dos princípios que orientam a assimilação de estrangeirismos ao léxico português.

Conclusões

As constatações feitas no âmbito da pesquisa Variantes Ortográficas da Língua Portuguesa apontam o fato de que noções, como língua, idioma, sistema ortográfico, sistema de escrita etc, não têm servido de norte àqueles que são responsáveis pela definição do que é e do que não é língua portuguesa, quer no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras, quer da estrutura e organização do famoso “*Dicionário Aurélio*”. A impressão que fica é a de que os elaboradores dessas obras ignoram, por completo, as questões lingüísticas, tanto no nível da língua e da linguagem, quanto no nível da metalinguagem. Parece óbvio que, ao rotular-se um dicionário, ou um vocabulário, pela especificação da língua a que ele se limitará, nada justifica a inclusão de vocábulos completamente alheios à estrutura e ao sistema dessa língua. Restaria considerar a questão dos empréstimos, processo lingüístico-cultural normal, dado pela interação cultural, própria da natureza humana. Nesse caso, o que está em jogo é se, de fato, os vocábulos e expressões estrangeiros, lançados na macroestrutura das obras acima têm, efetivamente, valor, significação cultural para a comunidade falante-nativa da língua portuguesa. Os “achados”, principalmente, aqueles do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* mais se assemelham a uma brincadeira feita por pessoas que não têm a menor compreensão, ou o menor respeito, pelas questões culturais, ou pela língua, enquanto processo

e produto que contém, em si mesma, o registro da identidade cultural, social, político-econômica e, sobretudo, nacional de um povo.

Bibliografia

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (1998) *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Corbã Editora Artes Gráficas Ltda, Rio de Janeiro. (Reimpressão 1999).
- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (1970) *Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa*. Imprensa Nacional, Lisboa.
- BIDERMANN-PASQUES, L. & HUMBLET, J. (1995) “La réception de mots anglais dans les journaux français: l’application de quelques principes d’harmonisation graphique”. In: *Langue Française*, 108. Larousse, Paris.
- CÂMARA JR. J. M. (1982) *Estrutura da língua portuguesa*. Vozes, Petrópolis.
- CATACH, N. (1995) “Le problème des variantes graphiques: variantes du passé, du présent et de l’avenir”. In: *Langue Française*, 108. Larousse, Paris.
- FERREIRA A. B. H (1997) *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro. (Reimpressão de 1998)
- _____ (1998) *Aurélio Eletrônico 2.0*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- HONVAULT, R. (1995) “Statut linguistique et gestion de la variation graphique”. In: *Langue Française*, 108. Larousse, Paris, p. 10-17.
- LOPES, E. (1977) *Fundamentos da Lingüística contemporânea*. Cultrix, São Paulo.
- SAUSSURE, F. (1977) *Curso de Lingüística Geral*. Cultrix, São Paulo.